



# Boicote a Israel

## Por um Estado palestino laico, democrático e não-racista em todo o território da Palestina

GABRIEL MASSA (Argentina)

COM AS DERROTAS MILITARES e políticas que sofreu e com seu crescente isolamento internacional, a besta nazi-sionista ameaçada se torna mais violenta. É momento de redobrar a campanha de boicote, especialmente por parte das organizações sindicais, exigindo a ruptura de relações de todos os governos com Israel!

O estado sionista se mostrou nos últimos tempos, se é que cabe o termo, cada vez mais genocida e racista. Bastam como exemplos a asfixia à torturada população de Gaza com o bloqueio; o ataque à frota de solidariedade à população de Gaza, que deixou 9 mortos e dezenas de feridos; a construção de um muro na Cisjordânia para separar os palestinos dos assentamentos israelenses; a decisão de expulsar de Jerusalém ex-legisladores

palestinos com o incrível argumento de que “não são leis à ocupação”; o projeto do ministro de relações exteriores de Israel, Avigdor Lieberman, de expulsar toda a população árabe de Israel; a tentativa de proibir os palestinos residentes em Israel de comemorar o aniversário da expulsão de seu povo de suas terras que coincide com a fundação do estado sionista –o que todos os povos árabes chamam de “catástrofe” (Nakba)– por considerar que

atenta contra a “segurança” (muitos sustentam que esta é a primeira vez na história que um estado tenta proibir um povo de expressar sua dor por ser subjugado).

Deve-se ter em conta que a amplíssima maioria dos judeus israelenses apóia e justifica estas bestialidades, refletindo a histeria massiva e persistente da população, obcecada com sua “segurança”. Isso faz dessa população judia de Israel manipulável como instru-

mento de atrocidades tais como a perpetrada em 2008/9 em Gaza, coisa comparável ao que acontecia em grandes setores do povo alemão que apoiava a “solução final” da “questão judia” – quer dizer, seu extermínio – nos tempos do nazismo.

### Isolamento histórico de Israel

No fundo de tudo isto está o fato de que Israel vem de um longo período marcado por derrotas políticas e de suas ofensivas militares no Líbano (1982-1985 e 2006) e em Gaza (dezembro 2008 – janeiro 2009), onde fracassou notoriamente em sua tentativa de liquidar o governo da corrente islâmica Hamas, ligada à Irmandade Muçulmana do Egito e hoje também com importantes vínculos com o Irã.

A isto se somou agora uma derrota política de dimensões históricas: suas atrocidades na invasão a Gaza e o posterior bloqueio produziram um repúdio bastante extenso; seu ataque à frota solidária em águas internacionais – um ato qualificado como de “pirataria” por muitos de seus aliados – lhe valeu condenações generalizadas e a ameaça de ruptura de relações do governo da Turquia, país que havia sido seu principal parceiro político e comercial nos últimos tempos.

Isto se deu no momento em que uma campanha de boicote a Israel lançada em julho de 2005 e conhecida pela sigla BDS –Boicote, Desinvestimento e Sanções– a favor do povo palestino se intensifica e se fortalece mundialmente. Hoje Israel enfrenta o maior isolamento político internacional de toda sua história, situação que, sem dúvidas, deu um salto qualitativo com o repúdio mundial que provocaram as atrocidades perpetradas em Gaza em dezembro de 2008 e janeiro de 2009 e o ataque assassino à frota solidária neste ano.

### Obama trata de reduzir tensões com Netanyahu

Enquanto isso, o lobby sionista nos Estados Unidos vinha desenvolvendo uma campanha frenética para reverter a política de Obama, acusando o seu governo de abandonar Israel. Isto também foi aproveitado pelos republicanos para atacar os democratas, como parte de sua campanha para as eleições parlamentares de metade de período<sup>1</sup> em novembro próximo.

## A ARMADILHA DOS “DOIS ESTADOS”

A resolução da ONU que criou o Estado de Israel em 1948 estabelecia que caberia aos palestinos essencialmente os territórios de Cisjordânia e Gaza. Porém, o sionismo nunca se conformou em roubar apenas a metade de seu país aos palestinos. Pelo contrário, além de ocupar rapidamente Gaza e Cisjordânia em 1967, suas tropas, em sucessivas guerras, se instalaram em territórios de todos os seus vizinhos (Jordânia, Egito, Síria e Líbano).



A partir de sua derrota e expulsão do Líbano nos anos 80, o estado sionista entrou em uma profunda crise, que se agravou com início da primeira Intifada na Cisjordânia. Desde então, o imperialismo vem tentando frear com a negociação a ofensiva dos povos árabes que põe em perigo a própria existência de Israel. Em 1993, o governo Clinton conseguiu que a OLP, liderada por Yasser Arafat, aceitasse reconhecer Israel, abandonando a luta por sua destruição em troca do reconhecimento de uma autoridade nacional palestina (ANP), localizada em Gaza e na Cisjordânia.

Os acordos de 1993 assinados com o então primeiro ministro israelense, Itzhak Rabin, na cidade de Oslo estabeleciam que Israel devia retirar todas suas forças para o interior das fronteiras que a resolução original da ONU lhe outorgara.

Desde 1993 os sucessivos governos israelenses e norte-americanos têm oscilado entre utilizar a negociação com as direções palestinas com o suposto objetivo de implementar os acordos de Oslo –ainda que seguissem construindo assentamentos sionistas nos territórios que supostamente ocuparia o estado palestino– ou diretamente lançar novas agressões militares, como a invasão do Líbano do 2006 e o ataque à Gaza em 2008/2009. Mas nenhum dos dois recursos conseguiu a derrota dos povos árabes nem permitiu ao estado sionista superar sua crise.

Aclaremos que tanto a descrição que faz Haidar das condições em Gaza na reportagem incluída neste dossiê, como os fatos que narra Khalid em seu artigo sobre a “judaização” de Jerusalém, e as definições do historiador israelense Ilan Pappé, mostram que o suposto projeto dos “Dois Estados”, ainda que sendo terrível para os palestinos, é impraticável pela própria natureza de Israel. O estado sionista é em si mesmo, um mecanismo de agressão permanente da contra-revolução aos palestinos e todos os povos árabes, a serviço do domínio imperialista. A contínua expansão dos assentamentos israelenses, a construção do muro na Cisjordânia, o bloqueio à Gaza, não são excessos do sionismo; são tão parte integral do estado sionista como o foram os primeiros massacres e expulsões de palestinos que lhe deram origem em 1948. Assim como o estado nazista só podia existir sob a condição de estar em permanente expansão através da agressão militar, Israel só pode existir em estado de genocídio perpétuo contra os povos árabes.

Mais que nunca a política de “negociações de paz” para instaurar uma “solução de dois estados, um judeu e o outro palestino” é um terrível engano. E não só porque serve de cortina de fumaça “democrática” a um estado genocida e ao imperialismo que é seu amo, com a cumplicidade das autoridades da ANP. Qualquer ilusão nessa política leva a desviar os esforços daquela que é uma tarefa de vida ou morte: derrotar as expressões cada vez mais extremas do genocídio racista sionista, hoje concentradas contra a população de Gaza.

É a necessidade de dar suporte a Israel diante de sua crescente debilidade política e militar e o desejo de retirar argumentos da campanha do lobby sionista e dos republicanos que levou Obama a tratar de reduzir as tensões com Tel Aviv, ainda que as custas de contradições escandalosas e de debilitar sua própria política.

A administração Obama vinha de um ano e meio de fortes atritos e distanciamento do governo de “Bibi” Netanyahu por sua política agressiva de expandir os assentamentos judeus em Jerusalém oriental, na Cisjordânia e em Gaza.

Obama nos discursos se opunha a essas ações do sionismo, insistindo em uma saída negociada com os palestinos.

Na reunião realizada na Casa Branca entre ambos os mandatários, em 6 de julho passado, o presidente norte-americano fez os maiores esforços para assegurar que “agora sim”, existem claras demonstrações por parte do governo israelense de que está disposto a abrir negociações diretas com seus pares da Autoridade Nacional Palestina (ANP), com vistas a concretizar a solução dos “dois estados”.

Ainda que Mahmud Abbas, o presidente da ANP, sempre servil aos desejos dos Estados Unidos, se encontrou em junho passado com Netanyahu, o fato é que não há passo algum no sentido que supostamente pretende Obama de avançar para a construção do estado palestino.

### Para amostra, um botão nuclear

Entre os temas tocados no encontro de 6 de julho esteve o arsenal nuclear israelense. Os EUA vinham de somar sua assinatura a um documento da ONU que condena Israel por não assinar o tratado de não proliferação nuclear (TNP), com o qual as potências buscam evitar que mais países tenham bombas atômicas. O fez pressionado pela crescente indignação internacional ante o ataque à frota solidária a Gaza.

Isto preocupou muito o lobby pró-israelense norte-americano e ao governo de Tel Aviv e cresceu a campanha de denúncia contra a Casa Branca por “abandonar Israel”. Fazendo uma incrível cambalhota no ar, Obama justificou no dia 6 de julho diante da imprensa o arsenal nuclear clandestino israelense dizendo: “Acreditamos fortemente que, dado o tamanho, a história, a região em que se encontra e as ameaças contra [Israel], tem necessidades de segurança únicas. Tem que responder a ameaças ou qual-

quer combinação de ameaças na região” (*New York Times*, 7 de julho de 2010).

Isto no momento em que os EUA acusam o Irã, que assinou o Tratado de não-Proliferação Nuclear, de violar os pactos internacionais, e quer sancionar o país islâmico, por possuir um pouco de urânio enriquecido em um grau que é permitido pelo acordo internacional!

O presidente norte-americano se vê obrigado a incorrer em contradições flagrantes na sua política para não agravar a crescente debilidade e isolamento internacional do estado sionista. Necessitava manter distância do bloqueio a Gaza, do ataque à frota e da expansão dos assentamentos israelenses, para não destruir sua própria política de manter os dirigentes da ANP atados a uma praticamente inexistente negociação de paz. Mas a crise provocada pelo ataque à frota o obrigou a revelar a verdadeira estratégia ianque no Oriente Médio, não importando quem governe os EUA: sustentar a todo custo a seu cão raivoso, Israel, com bombas atômicas, pirataria em alto-mar e o que mais for preciso.

### “Bomba relógio demográfica”

No marco atual de sua situação marcada pelas derrotas políticas e militares, a orientação histórica de Israel de conviver com um setor massivo de população árabe em seu interior e em suas fronteiras, aos quais se tolera manter suas tradições contanto que não se rebelam contra o estado sionista e suas atrocidades, já não é mais viável. Ao mesmo tempo em que mantém o bloqueio criminoso a Gaza, a atual debilidade obriga Israel a avançar com medidas ainda mais totalitárias no interior de seu próprio território.

Um artigo de 8 de junho de 2009 da agência de notícias IPS, assinado pelo jornalista Mel Frykberg, informava de três projetos de lei apresentados no Knesset, o parlamento unicameral israelense. “Um dos projetos busca proibir que se considere dia de luto o aniversário nacional israelense, o dia 15 de maio, e outro que é impedir que se negue a existência de Israel como estado judeu e democrático.

Um terceiro projeto requeriria a todos os cidadãos israelenses, incluindo os árabes, que assinassem juramentos de lealdade ao Estado, sua bandeira e seu hino nacional, assim como realizassem serviço militar ou civil.

O primeiro projeto passou sua primeira prova ao ser aprovado pelo comitê ministerial da Knesset, mas foi logo suavizado. O texto proibia aos israelenses árabes comemorar a Nakba, ou “catástrofe”, dia de luto pela criação do Estado israelense. O castigo podia ser de até três anos de prisão. Depois que se levaram em conta as considerações legais, o projeto foi suavizado para proibir que se destinem fundos estatais para organizar celebrações da Nakba. (...) O plenário do Knesset também deu sua aprovação inicial a um projeto que converteria em delito negar publicamente o direito de Israel a existir como Estado, e que poderia ser castigado com até um ano de prisão. (...) Outro projeto, que havia requerido a todos os cidadãos israelenses jurar lealdade aos valores sionistas do Estado, foi rejeitado pelo comitê ministerial da Knesset. O Comitê Superior Árabe qualificou estas iniciativas de “propostas racistas e fascistas contra a população árabe em Israel”.

O artigo da IPS conclui com uma explicação muito esclarecedora: “Os esforços para aprovar estas leis discriminatórias chegaram no marco de uma campanha ultra-diretista para apresentar a comunidade árabe como uma “bomba relógio demográfica”.

“Yuval Diskin, diretos do Serviço de Segurança Geral de Israel, sustentou que as demandas de igualdade das minorias constituíam um ‘perigo estratégico para o Estado’ que devia ser frustrado inclusive se sua atividade é realizada através de meios democráticos.”

Por razões de espaço não vamos abundar aqui com mais referências às iniquidades do estado sionista contra a população árabe e inclusive contra os judeus que se atrevem a denunciar as atrocidades genocidas e o racismo israelense. Simplesmente queremos insistir que essas medidas cada vez mais totalitárias são reações históricas do sionismo diante de sua crescente debilidade.

Netanyahu e Obama em Washington.





## Redobrar a campanha BDS de boicote a Israel

Como dissemos mais acima, em importante medida o crescente isolamento de Israel é resultado da campanha de boicote BDS que vem crescendo desde julho de 2005.

Uma das principais figuras que impulsiona esta campanha, Stéphane Frédéric Hessel, ex-diplomata francês que em 1948 participou da redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, escrevia em 15 de junho em um conhecido site da internet, o *Huffington Post*, refletindo o caráter democrático e amplo da campanha BDS:

*“A Frota da Liberdade [atacada por Israel] traz à mente o tipo de iniciativas solidárias da sociedade civil que levou ao fim as leis de segregação nos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul, uma analogia impossível de ignorar. Do mesmo modo que o regime do apartheid da África do Sul, a reação de Israel foi de qualificar este ato não violento como uma ‘provocação intencional’. Como no caso da África do Sul, a chamada solidariedade internacional, na forma de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) veio de uma maioria esmagadora de sindicatos e organizações da sociedade civil palestina em 2005, e está sendo abraçada por cidadãos de consciência e movimentos sociais em todo o mundo. A iniciativa BDS chama a isolar efetivamente Israel e seus cúmplices no âmbito empresarial, acadêmico e das instituições culturais, assim como as companhias que obtêm lucros com as violações dos direitos humanos e com políticas ilegais, enquanto continuam estas políticas.*

*“Creio que a iniciativa BDS é uma estratégia moral que demonstrou seu potencial. Mais recentemente o Deutsche Bank alemão se converteu na última de várias instituições financeiras europeias e fundos de pensão importantes a desinvestir no fabricante de armas israelense Elbit Systems. Na semana passada duas importantes cadeias de supermercados italianas anunciaram o boicote de produtos de assentamentos israelenses ilegais. No mês passado, os músicos Elvis Costello e Gil Scott-Heron cancelaram apresentações em Israel...*

*“Faço minhas as palavras sentidas do escritor escocês Iain Banks, que em reação ao atroz ataque de Israel contra a Frota da Liberdade, sugeriu que a melhor maneira para que artistas, escritores e acadêmicos internacionais ‘convençam Israel*



*Manifestação em Nova York. O cartaz diz: “Sou judeu e quero que Israel deixe de matar palestinos”.*

*de sua degradação moral e isolamento ético é simplesmente não ter mais nada a ver com este governo criminoso”.*

Após o repúdio provocado pelo ataque israelense à frota da liberdade, está em marcha o envio de novas embarcações de solidariedade com Gaza. Uma embarcação enviada a partir da Líbia foi desviada por navios israelenses até o Egito. Está programado para setembro o envio de outra frota com ajuda humanitária.

A campanha de boicote a Israel por artistas e acadêmicos norte-americanos teve uma expressão importante na decisão dos atores Meg Ryan e Dustin Hoffman de não participar no recente festival de cinema deste país. E vários músicos como Carlos Santana e The Pixies suspenderam apresentações em Israel.

### O peso qualitativo do boicote sindical

Nos últimos tempos se fortaleceram medidas de boicote sindical importantes no País Basco, Irlanda, Grã-Bretanha, Bélgica, Índia, África do Sul, Suécia e Estados Unidos. Pela primeira vez na história um navio israelense não pôde descarregar em um porto dos EUA, o de Oakland, na Califórnia, pela ação conjunta de organizações anti-sionistas e ativistas de um sindicato dos trabalhadores portuários. Acreditamos que isto aponta para um salto qualitativo na campanha mundial. Existem muitas mostras claras disto.

O principal sindicato britânico de funcionários públicos, UNISON, com 1,4 milhões de filiados, votou em seu congresso, em 29 de junho, somar-se à campanha BDS, com medidas de boicote econômicas, culturais e inclusive desportivas, rompeu relações com a cen-

tral patronal-sindical israelense, Histadrut e exigiu ao governo a expulsão do embaixador israelense.

Outra mostra clara desta perspectiva nos dá uma declaração de apoio dos sindicatos bascos, da qual extraímos alguns parágrafos: “Em consonância com a tradição dos sindicatos bascos de luta pela justiça, pela igualdade e pelos direitos humanos, por meio deste documento os Sindicatos Bascos ELA, CCOO, LAB, UGT, ESK, STEE, HIRU, EHNE, CGT, USO LSB-USBO, fazem público seu compromisso com a campanha BDS contra o Estado de Israel e têm acordo em não colaborar com a política de apartheid na Palestina e a ocupação ilegal em seus territórios.

“Além disso, os sindicatos bascos têm acordo em denunciar publicamente a todas as instituições bascas e companhias que dão prioridade a seus interesses econômicos e políticos às custas dos direitos do povo palestino ou que trabalhem ou legitimem a ocupação colonial da Palestina”..

E os sindicatos bascos colocam como objetivo da campanha obrigar Israel a “acabar com a ocupação militar da Palestina, a paralisação e destruição do muro na Cisjordânia; acabar com o sistema de discriminação racial, suspensão total e definitiva do bloqueio a Gaza, reconhecimento do direito de regresso dos refugiados”.

### Ganhar as ruas com o boicote exigindo a ruptura de relações

A LIT-QI impulsiona com todas as suas forças a campanha BDS contra Israel e em defesa do povo palestino, pondo como principal objetivo imediato

a suspensão incondicional do bloqueio a Gaza. E chama a somar-se todas as forças humanitárias, democráticas, operárias e populares, que não queiram ser cúmplices por indiferença dos novos e terríveis sofrimentos que a besta sionista ameaçada impõe aos palestinos.

É necessário ganhar as ruas, fazendo marchas, atos e todo tipo de mobilizações, exigindo aos governos de todo o mundo a ruptura de relações com o governo israelense e a anulação de todos os tratados comerciais como o que foi

assinado recentemente entre o MERCOSUL e o estado sionista.

Ainda que tenhamos diferenças importantes com distintas correntes e organizações participantes da campanha BDS, que defendem a chamada solução de “dois estados” (ver nota), acreditamos que as medidas que já estão sendo implementadas nesta campanha, em especial as ações das organizações sindicais, ajudam a avançar até o que consideramos a única saída de fundo, a destruição de Israel e a construção de um estado

palestino laico, democrático e não racista em todo o território da Palestina.

*Tradução: Arthur Gibson.*

<sup>1</sup> Eleições parlamentares na metade do período: sistema eleitoral em que as eleições parlamentares acontecem separadas das eleições presidenciais, e no meio do mandato do presidente eleito.

# Não se pode mudar a natureza do estado sionista

As monstruosidades que vem cometendo o estado sionista -em particular hoje o bloqueio de Gaza e a repressão assassina aos que tentam auxiliar a população desse território- não são um “raio em céu sereno”. Israel foi concebido e nasceu como um instrumento da contra-revolução no Oriente Médio, apadrinhada pelas potências imperialistas e por Stalin. Sua fundação consistiu em uma sucessão de assassinatos em massa de palestinos e o roubo de suas terras, confinando uma grande parte da população nativa em acampamentos de refugiados em Gaza, Cisjordânia e no Líbano, obrigando a outros ao exílio no Oriente Médio e outras regiões e permitindo que ficassem no território do novo estado sionista uma parte menor da população árabe, submetida a todo tipo de humilhação.

A população judia foi assimilada às forças armadas de forma permanente, os jovens como ativos e os mais velhos na reserva. Isto é, os judeus que supostamente iam à Palestina em busca de sua libertação do anti-semitismo, se transformaram, por obra do sionismo, nos opressores do povo palestino. De vítimas do nazismo, o sionismo os converteu em força de choque da contra-revolução, com métodos racistas e genocidas, idênticos aos dos nazistas ou ao do -agora desaparecido- regime do apartheid sul-africano.

## Repúdio a Israel por parte de intelectuais e lutadores judeus

Como assinalamos no artigo que abre esta seção, o cão raivoso que é o sionismo agora está ainda mais agressivo porque vem de um longo período de derrotas militares e políticas que têm desembocado em seu crescente isolamento.

Tão extremo é isto que muitos judeus, inclusive alguns nascidos em Israel, horrorizados por seus crimes, terminaram rompendo com o sionismo. Entre eles Ilan Pappé (nascido em Haifa em 1954) é o mais conhecido de uma camada de historiadores “revisionistas” israelenses que se atrevem a questionar o estado sionista. Pappé é autor de vários livros; o título do mais recente diz tudo, “A limpeza étnica da Palestina” (2006). Ali Pappé narra como, em 1948, os Palestinos foram expulsos pelos sionistas (sustentados por Inglaterra e França, junto a Estados Unidos e Stalin) à força de massacres. Assim, Israel ficou não só com as terras que lhe foram atribuídas pelo tratado de partição em 1948, mas ocupou terras de todos seus vizinhos (Líbano, Síria, Jordânia, Egito), em sucessivas guerras.

Pappé começou a questionar o sionismo a partir de ter sido soldado na guerra de 1973, contra os árabes. Tor-



nou-se depois professor universitário em Israel. Mas as contínuas perseguições dentro do país levaram-no a emigrar para a Inglaterra, onde hoje é professor na Universidade de Exeter.

Entre seus muitos méritos, Pappé tem o de não ter deixado de questionar “o processo de paz” orquestrado pelos Estados Unidos a partir de meados da década de 90, frente à crescente resistência palestina.

Ao apresentar sua proposta alternativa à do imperialismo, em uma reportagem de 2004<sup>1</sup> Pappé disse: “Para manter este apartheid israelense precisamos um Estado policial militar ineficiente para tudo o que não seja manter-nos em guerra perpétua. Este Estado não serve para buscarmos prosperidade aos cidadãos. (...) A única saída não estúpida: reconciliação, paz justa e um Estado que respeite qualquer identidade religiosa e não só uma. A partir daí, podemos chegar à prosperidade. (...)”

Mais adiante, em outra entrevista, em 2005<sup>2</sup> Pappé explica por que não é viável a solução dos “dois estados”: *“Temos que olhar o mapa para entender: 50 por cento do território, na Cisjordânia, é propriedade dos ‘assentamentos’”. Nenhum governo israelense os abandonará. Que lhes podem oferecer aos palestinos, como Estado? Uma grande prisão na faixa de Gaza, rodeada por um muro eletrificado? Um pequeno cantão dentro da Cisjordânia? Uma vez tiveram 100 por cento de Palestina. Acha que aceitarão uma paz que lhes oferece 10 por cento da Palestina, e que este 10 por cento esteja dividido em dois campos de prisioneiros? Não tem nenhum sentido! Isto não é um Estado. É um bantustão, um gueto, não um Estado! A única alternativa é um Estado único.”*

E agrega: *“Já temos um Estado. Toda a Palestina está controlada por Israel. A questão é que há que mudar a natureza deste Estado, porque, como lhe disse, neste Estado há gente que vive sob ocupação, discriminação, apartheid, e há gente que vive em uma ‘auto-intitulada’ democracia”.*

### Israel deve ser destruído

Com todo o reivindicável, corajoso e meritório que têm as posturas e a luta de Pappé e outros como ele, aqui discorramos profundamente. É impossível mudar a natureza do estado sionista. Como o mesmo Pappé diz, esse estado policial-militar foi criado e só serve como instrumento a serviço dos interesses imperialistas, em guerra perpétua.

Não há uma saída para Israel como a que teve para a África do Sul, com a destruição do apartheid e a imposição de uma República Negra (ainda que em condição de semi colônia política e econômica dos EUA), onde possam seguir convivendo os judeus sionistas com os palestinos. Israel não é um país, é um estado colonial ocupado por colonos postos pelo imperialismo, deslocando a população palestina que é a legítima dona dessas terras.

Assim como nas Ilhas Malvinas, os Kelpers colocados ali pelos ingleses defendem o domínio britânico, a população judia israelense em sua quase totalidade –incluída a classe operária– é beneficiária da expropriação das terras, da limpeza étnica e da opressão constante dos árabes palestinos. Por esta razão não pode haver uma revolução operária por dentro do país que, encabeçada pelo povo, derrote



Ilán Pappé.

os governantes sionistas e transforme Israel em um estado socialista ou, ao menos, um país capitalista laico e não fascista.

Do mesmo modo que recuperar as Ilhas Malvinas para a Argentina requer expulsar a população Kelper, há que expulsar os judeus sionistas postos na Palestina pelo imperialismo, para que os palestinos possam recuperar suas terras.

Ante esta realidade, proliferam as vozes no mundo inteiro que clamam pelos “direitos do povo judeu”, recordando os terríveis sofrimentos por sua perseguição ao longo de séculos e no holocausto. Opomos-nos à perseguição anti-semita em todas suas formas. Mas não é isso o que está em jogo aqui. No Oriente Médio os judeus sionistas não são oprimidos e perseguidos, nem são um pequeno povo democrático que se enfrenta com regimes árabes retrógrados e totalitários (ainda que muitos deles sejam efetivamente opressores de seus povos). Pelo contrário, a famosa “democracia” israelense não é mais que um disfarce, muito tênue diga-se de passagem, para um ente colonial-militar montado para expulsar e oprimir os povos árabes, com métodos nazistas racistas a serviço do domínio e do saque do Oriente Médio pelo imperialismo. A única solução para o “problema” do Oriente Médio é a destruição desse monstro e a expulsão do imperialismo.

### Com o que substituir o estado sionista

Não achamos que a alternativa deva ser substituir o estado de Israel com uma república islâmica ao estilo do Irã, como propõem o Hamas e outras correntes muçulmanas. A experiência com o regime de Teerã mostra às claras que os ayatolás, ainda que resistam o domínio imperia-

lista em alguma medida, defendem os interesses da burguesia persa com métodos totalitários, retrógrados e anti-operários.

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) conseguiu aglutinar a toda a resistência a Israel nos anos sessenta e setenta, propondo que sua luta era por substituir Israel por **um estado palestino laico, democrático e não racista em todo o território da Palestina**. Ainda que a OLP tenha capitulado a Israel e ao imperialismo, essa perspectiva estratégica segue sendo válida. É até hoje a única alternativa que, sob a base da volta dos palestinos às suas terras, poderia garantir os direitos democráticos de todos os setores operários e populares. Incluindo que, uma vez que os palestinos tenham recuperado suas terras, os setores da população judia que o aceitem, e assim o queiram, possam conviver em paz ali.

Está claro que, bem como a criação do monstro sionista foi obra da contra-revolução mundial, a destruição de Israel e sua substituição por um estado palestino, só pode se conseguida através de uma luta operária internacional unificada, que tenha à frente os palestinos e demais povos árabes, mas que conte com a ação solidária dos trabalhadores e povos de todo o mundo e, em particular, os das potências imperialistas. Que ao menos obrigue Washington a retirar seu apoio a Israel.

A destruição do estado sionista exigirá um processo internacional pelo menos tão amplo como o que ajudou a expulsão dos EUA do Vietnã. Assim como a expulsão dos yanques do Vietnã significou uma dura derrota para o imperialismo e fortaleceu as lutas operárias e populares de todo o mundo, a mobilização mundial que avance para a destruição de Israel, e a sua substituição por um estado palestino, fortalecerá também a classe operária em sua luta contra os exploradores e opressores a nível mundial.

O crescente isolamento de Israel e a onda de boicotes contra o estado sionista, e de ações solidárias com o povo palestino que estamos vendo hoje em muitos países, incluindo nos Estados Unidos, são importantes avanços nesse sentido.

<sup>1</sup> Solidaridad.net- 21/01/2004.

<sup>2</sup> Revista *Pueblos*, 16/08/2005, por Siscu Baiges.